

A HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO
EM VILA NOVA DE GAIA

COORD.
CLÁUDIA PINTO RIBEIRO
FRANCISCO MIGUEL ARAÚJO

Título: *A História da Educação em Vila Nova de Gaia*

Coordenação: Cláudia Pinto Ribeiro
Francisco Miguel Araújo

Fotografia da capa: fac-símile do «Projecto da Escola Municipal “Pinto Mourão”, lugar de Laborim de Baixo»
(Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner – Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia)

Design gráfico: Helena Lobo | www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-70-8

Depósito Legal: 426971/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Porto

Junho 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

Apoios: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner; HISTEDUP – Associação de História da Educação de Portugal.

A REDE ESCOLAR PROTESTANTE EM VILA NOVA DE GAIA (1868-1923): UMA PANORÂMICA GERAL*

ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA
JOSÉ ANTÓNIO AFONSO

Resumo: A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, uma confissão religiosa de matriz anglicana fundada em 1880, assinalou a sua implantação pela circunstância de acompanhar o trabalho religioso por uma forte ação educativa e assistencial. Característica particularmente notória em Vila Nova de Gaia onde foram associadas escolas a todas as comunidades desta igreja, desde o exemplo paradigmático da escola e igreja do Torne/São João Evangelista (1868), para a alfabetização e escolarização de crianças, jovens e adultos. Apresenta-se uma leitura diacrónica desta rede escolar até ao falecimento do impulsionador Diogo Cassels (1923), tentando captar as dinâmicas educativas e pedagógicas destes estabelecimentos, propostas consistentes, inovadoras e totalmente não proselitistas, que fez deles uma referência para inúmeras gerações e uma identidade simbólica perene na história da educação popular gaiense.

Palavras-chave: *Igreja Lusitana; Rede escolar; Vila Nova de Gaia.*

ABSTRACT: The distinctive focus of the Lusitanian Catholic Apostolic Evangelical Church, an Anglican congregation established in Portugal in 1880, was merging its religious services with a strong investment on educational and social assistance. That was particularly true in the council of Vila Nova de Gaia due to the foundation of schools in different Lusitanian communities. The first one was established in the parish of Torne (1868) and promoted the literacy and schooling of many children, young people and adults. Here we present a critical overview of this school network from its foundation until the death of its greatest sponsor James Cassels (1923). We highlight these schools' educational and pedagogical dynamics, and their consistent, innovative and not totally proselytistic academic proposal, which transformed them into a reference for many generations and a local symbol of popular education.

Keywords: *Lusitanian Church; School network; Vila Nova de Gaia.*

* Estudo elaborado no âmbito do projeto “Roteiros da inovação pedagógica: escolas e experiências de referência em Portugal no século XX” (PTDC/MHC-CED/0893/2014), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

1. INTRODUÇÃO

A ação educativa e assistencial acompanhou quase sistematicamente a implantação da Igreja Lusitana nas diferentes localidades do país onde se fez presente nos quase 140 anos que leva de existência como confissão religiosa organizada. Em Vila Nova de Gaia esta igreja anglicana encontra-se estabelecida desde as suas origens e, à semelhança do que sucedeu em muitas outras das suas comunidades, todas as paróquias nasceram associadas a instituições escolares, naturalmente com expressão e longevidade diversas¹.

A primeira destas escolas, verdadeiramente matricial no seu modelo pedagógico e vocação humanista, foi a Escola do Torne, fundada por Diogo Cassels em 1868; seguiu-se a Escola do Bom Pastor, no lugar do Candal, que o seu irmão André Cassels e a esposa Elizabeth Ann Kate colocaram em funcionamento em 1882; em 1901 mais uma vez Diogo inaugurou novas salas de aula, desta vez a Escola do Prado, perto da estação ferroviária das Devesas; em 1906, na Madalena, uma missão da igreja do Bom Pastor iniciou aulas noturnas para adultos e no ano seguinte foi em Oliveira do Douro instalado o Colégio Lusitano, pela mão de José Bonaparte, um dos discípulos de Diogo Cassels (fig. 1).

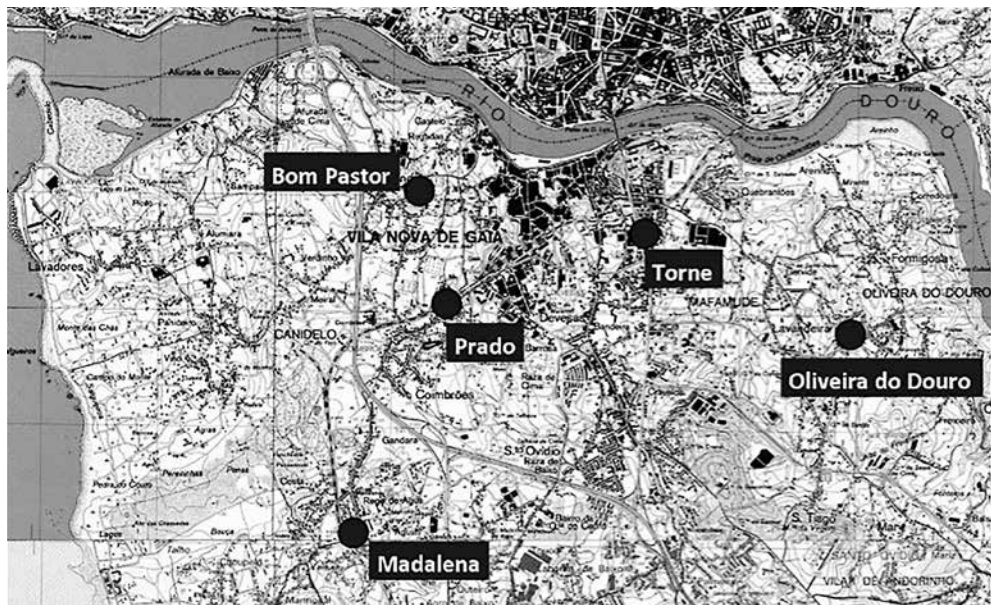


Figura 1. Localização das escolas da Igreja Lusitana em Vila Nova de Gaia

Fonte: Carta Militar de Portugal, folhas 122 e 133, escala original 1:25000

¹ Além das aqui tratadas, a Igreja Lusitana teve também escolas anexas às paróquias do Redentor (Porto), São Paulo, São Pedro e Jesus (Lisboa), Santíssima Trindade (Sintra) e Espírito Santo (Setúbal).

Como amplamente se atesta, estes projetos educativos, de assumida inspiração cristã mas não confessionais e abertos a toda a população, rapidamente granjearam o respeito da administração escolar e outras autoridades e largo reconhecimento social, pelo rigor e exigência pedagógica que implementavam e o enquadramento filantrópico da sua atividade, oferecido essencialmente aos segmentos da população de mais poucos recursos económicos, o que as marcou como referência para inúmeras gerações de gaienses.

O esforço proposto neste texto é uma leitura conjunta da rede escolar da Igreja Lusitana durante o período compreendido entre os anos de 1868, data de fundação da Escola do Torne, e 1923, ano do falecimento de Diogo Cassels, o impulsionador da disseminação evangélica em Vila Nova de Gaia. Captaremos de forma sumária as dinâmicas educativas e pedagógicas destas escolas e o inequívoco contributo de uma religião minoritária para a alfabetização e escolarização de crianças, jovens e adultos, evidenciando também os fortes vínculos com as comunidades e a sociedade envolvente que geraram uma identidade simbólica perene na história da educação popular em Vila Nova de Gaia.

2. CONTEXTOS SOCIO-RELIGIOSOS

O protestantismo² chegou a Portugal apenas no século XIX. Até então, a ação do Tribunal do Santo Ofício, o *Index Librorum Prohibitorum* e a censura prévia impediram quase por completo entre nós a circulação das ideias de reforma religiosa que, desde o século XVI, abalaram a maior parte da Europa. Constituíam exceção pontual a autorização dada às comunidades estrangeiras luteranas e anglicanas, no âmbito de tratados comerciais, para exercer os atos de culto próprios das suas confissões, desde que o fizessem discretamente, em edifícios comuns sem forma de templo e em caso algum envolvendo portugueses; ao abrigo destas disposições estritas os anglicanos puderam ter cemitérios próprios em Lisboa e no Porto ainda no século XVIII, mas as primeiras capelas para estrangeiros anglicanos e presbiterianos só no século seguinte puderam ser edificadas.

² Usamos aqui este termo em sentido geral, para nos referirmos ao conjunto de igrejas e correntes religiosas que desde o século XVI se afastaram ou foram criadas à margem do catolicismo romano; aliás, no século XIX as expressões *protestante*, *evangélico* ou *reformado* usavam-se em Portugal de forma mais ou menos indistinta, independentemente do facto da Igreja Lusitana, por exemplo, não ter qualquer filiação direta na Reforma Protestante e resultar antes de mais de uma reforma de raiz essencialmente católica, se bem que desde o início inspirada no modelo anglicano.

Nas primeiras décadas de Oitocentos, porém, diversas alterações políticas, sociais e culturais abriram caminho à diversidade religiosa. Devem elencar-se, nomeadamente, as invasões napoleónicas, que proporcionaram o contacto com tropas francesas e inglesas (muitas de origem protestante), a progressiva difusão das ideias liberais e, em escala menor, da maçonaria, culminando na revolução de 1820 e a consequente implantação do regime constitucional, garantindo a liberdade de imprensa e outros direitos de cidadania.

Paralelamente, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, de Londres, começa a editar regularmente traduções portuguesas do Novo Testamento e posteriormente da Bíblia em versão integral, que tiveram ampla distribuição em Portugal³, e ao mesmo tempo algumas sociedades missionárias protestantes, podendo utilizar os textos sacros em vernáculo, começam a mostrar algum interesse pela evangelização do nosso País, no quadro dos movimentos de reavivamento religioso e apelo à missionação que desde as últimas décadas do século XVIII ocorreram em muitas correntes do meio evangélico.

Foi neste quadro que surgiram a partir da década de 1830 diversas iniciativas por parte de leigos, ministros ou ex-padres católicos convertidos à fé evangélica que criaram espaços de estudo bíblico, pregação e outros atos religiosos, levando mesmo à instalação de comunidades locais relativamente estáveis. Como sucedeu com a capela de rito anglicano do espanhol Vicente Gómez y Tojar, que exerceu em Lisboa entre 1839 e 1870, servindo fiéis de diferentes nacionalidades, incluindo portugueses, como um ex-padre católico que aí celebrou o seu matrimónio⁴. Posteriormente, estes movimentos desembocaram na criação de igrejas mais ou menos institucionalizadas, como a Igreja Metodista (desde 1871-1877), a Igreja Lusitana (desde c. de 1878, com fundação formal em 1880), a Igreja Presbiteriana e, algum tempo depois, os Batistas e outras confissões.

Não sendo este o espaço para historiar esses movimentos de diversificação religiosa remetemos o leitor para a vasta bibliografia⁵, mas interessará muito de

³ Entre 1809 e 1817, a Sociedade Bíblica editou 25 000 exemplares do Novo Testamento na tradução de Ferreira de Almeida, a maior parte dos quais terão sido distribuídos em Lisboa, Porto e Funchal (LEITE & CAVACO, 2013: 190).

⁴ Cf., entre outros: MOREIRA, 1957: 317; MOREIRA, 1958: 109-49; SILVA, 1995a: 740.

⁵ A historiografia clássica assenta nos trabalhos de Diogo Cassels (1898 e 1908), J. Barreto (1901) e Eduardo Moreira (1958), podendo consultar-se entre as obras mais recentes estudos de F. Guichard (1990), J. Marques (1995), M. Cardoso (1998), V. Neto (1998), F. Peixoto (1999 e 2001), L. Santos (2001 e 2002), J. Afonso (2009) e R. Leite (2009). Especificamente para a história da Igreja Lusitana vejam-se Cassels (1898 e 1908), J. Figueiredo (1910), E. Moreira (1949), J. Moreira (1995 e 2002), A. Silva (1995a), L. Santos (1997) e J. Afonso (2013). Uma fonte fundamental para a perceção da vivência quotidiana de alguns dos principais agentes do protestantismo no Porto e em V. N. Gaia é A. Aspey (1971).

passagem anotar aqui alguns pontos comuns dessas propostas alternativas para melhor se contextualizar e compreender as iniciativas escolares da Igreja Lusitana.

Independentemente das naturais diferenças de sensibilidade teológica e litúrgica que se foram afirmando ao longo do tempo, os dinamizadores destes movimentos religiosos partilhavam dois princípios absolutamente reitores das suas ações: a centralidade da Bíblia como instrumento de evangelização e formação cristã, e a necessidade da instrução para possibilitar o acesso aos textos sagrados e promover consciências mais livres e esclarecidas. Como dispositivos centrais desta estratégia situam-se as Escolas Dominicais e as Escolas Diárias.

As primeiras replicavam o movimento das *Sunday Schools*, surgido na segunda metade do século XVIII e que rapidamente se tornou uma instituição clássica das igrejas anglicanas e protestantes⁶; eram verdadeiramente fundamentais e como não requeriam a presença de um ministro ordenado, muitas vezes precediam a realização regular de atos de culto ou a formalização da congregação religiosa. Todavia, as elevadas taxas de analfabetismo e a escassa escolarização de crianças⁷ levaram a que a criação de escolas diárias para ambos os sexos fosse também muito recorrente, quer enquanto escolas particulares de ensino elementar, quer na modalidade noturna de ensino de adultos – particularmente vocacionadas para a alfabetização do operariado – quer até, em casos mais pontuais, pelo desenvolvimento de creches para a educação pré-escolar, como sucedeu no Torne.

Deste modo, a par de outras atividades filantrópicas e assistenciais, dependendo das circunstâncias e dos meios disponíveis, as escolas e colégios protestantes visavam dar oportunidade a todos os indivíduos de ler a Bíblia, praticar uma fé mais esclarecida e naturalmente adquirir ferramentas de promoção social, para além de constituírem um meio de interação com as comunidades e de visibilidade pública dos princípios morais e doutrinários que norteavam as novas propostas religiosas.

⁶ Desenvolvidas no contexto da revolução industrial inglesa, as *Sunday Schools* destinavam-se a proporcionar às crianças e adultos das famílias operárias uma oportunidade de alfabetização, uma vez que o domingo era o único dia de descanso para os operários. As escolas dominicais tornaram-se rapidamente populares e em meados do século XIX eram praticamente universais quer na Inglaterra, quer nos Estados Unidos. Este movimento suscitou o reconhecimento e apreço de muitas figuras públicas, como sucedeu em Portugal com Alexandre Herculano, que nas páginas do *Panorama* (1837: 264) deixou rasgados elogios às “escolas domingueiras”, aspirando a que fossem replicadas em Portugal (SILVA, 2016).

⁷ Em 1878 mais de 79% dos portugueses maiores de 6 anos residentes no continente não sabiam ler, e em 1890 permaneciam iletradas 74% das crianças entre os 7 e os 9 anos (RAMOS, 1988: 1067).

3. DO TORNE AO PRADO: A ESCOLA COMO TEMPLO DA INSTRUÇÃO

Assinalando no seu jornal a inauguração da Escola do Prado, em 1901, Diogo Cassels designava-a como «templo da instrução»⁸, desta forma expondo com frontalidade a importância fundamental que dava ao ensino e à educação e, ao mesmo tempo, o papel da escola e da igreja entendidas quase como faces da mesma moeda. Mas o trabalho de Cassels começara muito antes, quando apenas com 24 anos instalou uma sala de aula para a qual contratou um professor habilitado. Estávamos em 1868 e foram essas as raízes da escola do Torne.



Figura 2. James ou Diogo Cassels (1844-1923), o fundador das escolas do Torne e do Prado.

Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

James Cassels (fig. 2) nascera no seio de uma família de industriais ingleses radicada em Portugal. Sendo o filho mais velho de uma família numerosa, estava-lhe reservada a condução dos negócios da família, designadamente após a morte do patriarca em 1869. Mas não eram esses a vocação e destino de Diogo, como sempre se identificou. Com pouco mais de vinte anos começou a organizar reuniões, para as quais convidava amigos, familiares e operários da fábrica paterna, nas quais se lia a Bíblia, entoavam cânticos religiosos e faziam orações; o movimento foi crescendo até atrair a atenção das autoridades, ao mesmo tempo que Cassels alimentava já o sonho de construir um templo e salas para uma escola.

Em 1868, Cassels foi denunciado e julgado por ofender a religião estabelecida como oficial na Carta Constitucional e simultaneamente propagar doutrinas contrárias ao catolicismo romano, tendo sido condenado a seis anos de deportação, pena posteriormente comutada em tribunal de recurso. Estas atribuições, que provocaram compreensíveis preocupações e circularam pela imprensa portuguesa e inglesa, em nada demoveram o jovem Cassels das suas intenções e, em 1868, a capela do Torne estava construída, a expensas próprias e com o apoio de uma subvenção internacional, em edifício inicialmente discreto e algo afastado da via pública (fig. 3), como recomendavam a Carta e a prudência, mas que não

⁸ *Egreja Lusitana*, 90. Vila Nova de Gaia, junho de 1901, p. 2.

prescindia da arquitetura interna de um templo nem de bonitos vitrais ingleses como adorno e inspiração dos crentes⁹.



Figura 3.
O complexo escolar do Torne¹⁰.
Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

A escola começou também nesse mesmo ano. No outono Cassels confessava o desejo de «construir uma escola e salas de classe» anexas à capela, mas não podendo fazê-lo de imediato contrata um jovem professor – designado apenas como Sr. Bento e dito «competente tanto para a instrução religiosa como para a secular»¹¹ – para as lições, que teriam lugar na sua residência ou em casa arrendada para o efeito. Nos anos subsequentes a escola manteve-se em funcionamento, parecendo alargar-se à alfabetização de adultos segundo uma notícia de 1871¹², e finalmente em 1872 foi construída no Torne a primeira sala de aulas, para a classe feminina, e contratada uma professora (fig. 4). Entretanto, parece que a classe masculina e a aula noturna para adultos prosseguiram numa casa alugada, à Lavandeira, com Manuel Carvalho como professor¹³, até à edificação de uma nova sala de aulas no Torne. A centralização da atividade educativa naquele espaço só teria lugar alguns anos mais tarde e culminou em 1894, momento em que com a construção de um novo templo a capela primitiva ficou destinada à aula masculina¹⁴. Só desde então,

⁹ Cf. CASSELS, 1908; ASPEY, 1971; SILVA, 1995c.

¹⁰ Em primeiro plano, o edifício do templo de 1868 (usado para escola a partir de 1894) e, à direita, as salas de aula construídas em 1872.

¹¹ ASPEY, 1971: 60.

¹² ASPEY, 1971: 108.

¹³ ASPEY, 1971: 138.

¹⁴ Uma tradição conservada na comunidade religiosa sugeria que a capela primitiva teria sido nos primeiros anos da escola usada simultaneamente para o culto, nos domingos e ocasiões próprias, e como sala de aula durante a semana, referência que um de nós admitiu (SILVA, 1995c). Todavia, a informação documental disponível não permite sustentar devidamente esta possibilidade, o que não obsta a que a capela tenha sido utilizada pontualmente para atividades extraordinárias da escola, como sucedeu por exemplo com a Festa Escolar de 1892. Vd. AFONSO & SILVA, 2010 e 2015.

com propriedade, aquela fachada de empena triangular, ladeada pela torre do relógio, ganhou estatuto como emblema icónico da Escola do Torne.



Figura 4.
Grupo de alunos da escola
do Torne¹⁵.

Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

Uma das características mais notáveis e singulares do Torne foi, sem dúvida, a extraordinária diversidade da oferta escolar e cultural que proporcionava. À preocupação primeira da alfabetização, Cassels rapidamente juntou todo um conjunto de dispositivos que refletiam uma estratégia educativa abrangente e direcionada a diferentes segmentos da população. Para os mais pequenos implementou-se a aula infantil, para «entreter as crianças e tira-las da rua» mas também para lecionar «princípios rudimentares de leitura»¹⁶; para os jovens adultos ou dar sequência ao ensino elementar, a formação alargou-se rapidamente a diversas disciplinas de instrução secundária, como o francês, o inglês, a escrituração e o cálculo comercial, mas também o desenho geométrico, a música e o canto coral, a costura e as artes e ofícios, para as quais se chegou a iniciar uma espécie de escola profissional. O regular contacto de Cassels com os modelos de ensino britânicos, suíços e do norte da Europa levou-o a valorizar as dimensões da educação física, pelo que a ginástica era tida em elevada consideração, havendo particular cuidado na escolha dos aparelhos que lhe eram dedicados, como refere uma notícia de 1907, ao enumerar o uso de trapézio, barras paralelas, escada, baloiço e halteres, acrescentando que se destinam a exercícios «agradáveis, úteis e muito higiénicos»¹⁷.

As aulas noturnas, destinadas essencialmente a operários, foram estabelecidas desde os primeiros anos da escola e tinham muita procura e assinaláveis resultados, como Cassels registava em 1911: «centenas de tanoeiros e outros que entraram

¹⁵ Fotografia datada entre as décadas de 1870-1880, vendo-se Cassels em pé, ao fundo, e outros professores.

¹⁶ *Relatório da Igreja Lusitana (...). 1897-1898*. Lisboa, 1899, p. 23.

¹⁷ *Egreja Lusitana*, 221. V. N. Gaia, 01.12.1907, p. 4.

neste curso, completamente analfabetos, agora sabem ler, escrever e contar, e alguns estão estudando para fazer exame de instrução primária»¹⁸.

Novos recursos pedagógicos vão sendo acrescentados gradualmente, numa perspectiva de melhoria contínua, observando-se em finais do século XIX o uso do gramofone, das projeções com lanterna mágica mas também já com o cinematógrafo; coleções de vistas e quadros coloridos utilizavam-se entre outros materiais, havendo também lições de microscópio. Todavia, as “lições práticas” não se circunscreviam às salas de aula, podendo assumir a forma de passeios, excursões, visitas (a estabelecimentos assistenciais e asilares ou aos pobres para ofertar roupas, alimentos ou singelamente brinquedos para as crianças), celebrando-se também em contexto escolar a Festa das Flores, a Festa da Árvore e também, num quadro de maior inter-relação com a esfera religiosa, novos usos como o da Árvore de Natal.

Estabeleceu-se também um “Gabinete de Leitura”, pequena biblioteca popular onde podiam encontrar-se «as folhas diárias das diversas parcialidades políticas»¹⁹, e eram muito frequentes as conferências de temas diversos («patrióticas, históricas, instrutivas»), as quais, abrindo as portas da escola a personalidades dos mais diferentes quadrantes, tonificavam o ensino com uma vertente prática e de atualidade.

Desta forma, o projeto da Escola do Torne assumiu uma notória modernidade e desenvolveu-se numa verdadeira rede que interligava as dimensões comunitária, cultural, ética e social, com o objetivo de alfabetizar, escolarizar, sociabilizar e evangelizar²⁰. A educação ministrada assentava em princípios cívicos e morais naturalmente de inspiração cristã, mas iludindo a tentação confessional e proselitista. A aprendizagem das crianças seguia o caminho da «moral, caridade, temor a Deus, a obediência, noções de história sagrada e a leitura dos Evangelhos»²¹, mas Diogo Cassels assumia expressamente que: «o ensino dos dogmas e preconceitos peculiares de qualquer religião fica ao encargo dos pais dos alunos, cuja maioria é católica e evangélica, mas alguns são livres pensadores e compete-nos respeitar as crenças de todos»²².

Mas como dissemos, não eram apenas as crianças o alvo do programa educacional do Torne. Escola e igreja entreteciam-se num sentido de comunidade geradora de dinâmicas próprias e de grande impacto no meio envolvente. Veículo privilegiado de comunicação e inculturação era o jornal *Egreja Lusitana*, publicado entre 1894

¹⁸ *Egreja Lusitana*, 281. V. N. Gaia, 01.01.1911, p. 2.

¹⁹ *Relatório da Egreja Lusitana (...)*. 1887. Lisboa, 1888, p. 23.

²⁰ SILVA & AFONSO, 2015: 18-21.

²¹ «A Doutrina Cristã é ensinada pelo director duas vezes cada semana aos alunos, cujos pais desejem que os seus filhos aprendam esta disciplina» (Arquivo Histórico da Igreja Lusitana: *Donativos para a Escola do Torne e Prado, 1899-1929*, manuscrito).

²² *Egreja Lusitana*, 444. V. N. Gaia, 1918, p. 2.

e 1923, que projetava a instituição para o exterior, alcançando uma alargada rede de benfeitores e outros interessados no trabalho do Torne.

Para os jovens e adolescentes implementaram-se organizações como a Liga de Esforço Cristão e o Grémio da Juventude Evangélica; para dar resposta às necessidades dos operários e outros trabalhadores que constituíam segmento maioritário no público da escola e da congregação religiosa, Cassels criou a associação mutualista do “Banco dos Artistas” e uma Sociedade Evangélica de Socorros Mútuos, ações complementadas pela manutenção de um Fundo dos Pobres, a oferta da Sopa Económica e refeições a famílias carenciadas em vários estabelecimentos de Gaia, a construção de um bairro de social com duas dezenas de casas e outros dispositivos mais ou menos formalizados.

A escola tinha anualmente uma cerimónia especial que de certo modo correspondia ao clímax da representação de si própria para dentro e fora da instituição, o dia da festa escolar²³. Celebrada usualmente no próprio dia de Natal, a festa exibia o que de melhor a escola tinha para oferecer no plano educativo: récitas e discursos feitos por alunos e professores, exibição de trabalhos escolares e larga entrega de prémios aos alunos que mais se haviam destacado no ano letivo; para a mesa eram convidados os inspetores do ensino escolar e personalidades de relevo, como o administrador do concelho, o presidente da Câmara ou outros representantes da vereação, por vezes outras individualidades da política ou da cultura local; na assistência, que usualmente lotava a sala com muita antecedência, pais dos alunos e muitos convidados, entre os quais professores do ensino oficial e particular, jornalistas, industriais e comerciantes e outras figuras de destaque social.

O programa, relativamente padronizado, obedecia a uma espécie de liturgia em crescendo que atingia o auge com a entrega dos prémios aos alunos (medalhas e alfinetes em prata e ouro, diplomas, livros ou montantes em dinheiro) e os discursos das individualidades presentes, sempre em tom laudatório das virtudes da escola como instituição e da excelência da do Torne, como pode exemplificar-se com um trecho do discurso do inspetor escolar Simões Lopes em 1897, que declarava que:

*conhecendo, e bem a fundo, todas as escolas primárias do país, não tem dúvida alguma em afirmar, sem receio de desmentido, que a Escola do Torne é a primeira escola portuguesa. Bastariam 50 homens como Diogo Cassels, disse, e tudo mudaria, porque a estatística acusaria muitíssimo menor número de analfabetos*²⁴.

Desta forma, a festa escolar, ritualizada no seu alinhamento padronizado e reen- cenada anualmente segundo um modelo quase litúrgico, reavivando e reativando

²³ AFONSO & SILVA, 2010 e 2015.

²⁴ *A Luz do Operário*, 127. V. N. Gaia, 09.01.1898.

a memória presente da instituição como garante de perenidade, constituía um *topos* fundamental do seu processo de permanente autoidentificação e de também permanente representação e interação social, projetando a escola na comunidade local como centro de excelência na formação cidadã.

Estando fora de causa o sucesso educativo, o crescente impacto social da Escola do Torne em Santa Marinha e freguesias vizinhas e o também crescente reconhecimento por parte de numerosas entidades e individualidades, a instituição viveu sempre sob um constrangimento maior. As dificuldades financeiras eram crónicas e vinham desde o nascimento da escola. Consciente de que o seu projeto educativo, essencialmente voltado para os mais desfavorecidos, dificilmente seria autossustentável, Diogo Cassels começou por assumir os défices – «as crianças que frequentam a escola diária pagam 10 réis por semana e eu pago o resto»²⁵, admitia em 1868 – mas em 1876 Robert Moreton, o ministro metodista que tinha sido enviado de Inglaterra para superintender a ação religiosa de Cassels, informava a sociedade missionária que a falta de meios no Torne impedia o diretor de contratar professores devidamente habilitados²⁶.

Os alunos pagavam uma propina pouco mais que simbólica, por essa altura cerca de dez réis por semana, quando um litro de vinho custava no Porto, pelos mesmos anos, 90 réis, como lembra Fernando Peixoto²⁷, e para custear os vencimentos dos professores, ainda assim muito baixos, e as restantes despesas, Cassels contribuía pessoalmente com uma verba superior à da totalidade das propinas. Para auxílio das escolas promoviam-se subscrições regulares em Portugal e em Inglaterra e muitas outras atividades, como espetáculos, quermesses ou bazares, passando também desde o final do século a sistematizar-se uma rede de benfeitores anuais – sobretudo firmas ligadas ao vinho do Porto, empresas industriais e comerciais e outras instituições e individuais – que rubricavam ou apunham o seu carimbo num livro de registo próprio, onde também Cassels exarava um pequeno relatório e texto apelativo a abrir cada campanha²⁸.

Os apelos de Cassels para o apoio financeiro à escola são constantes no *Egreja Lusitana* – como o deveriam ser nas correspondências para amigos e familiares – não deixando de recordar o carácter beneficente da escola: «a instrução (...) continua a ser pública para todos e gratuita, pagando os alunos apenas a quota de 10 centavos por mês em auxílio dos preparos da escola», lembra em 1920, sugere-

²⁵ ASPEY, 1971: 61.

²⁶ ASPEY, 1971: 180.

²⁷ PEIXOTO, 2001: 153.

²⁸ Arquivo Histórico da Igreja Lusitana: *Donativos para a Escola do Torne e Prado, 1899-1929* (livro manuscrito), a que seguem livros para os anos seguintes, num processo que se manteve, com ligeiras cambiantes, até à década de 1970. Cf., para análise desta fonte, AFONSO, 2001a.

rindo mesmo que os pais contribuíssem com um donativo de 1\$50 «inteiramente voluntário, não obrigatório» destinado a suportar as «despesas de conservação e reparação e também auxílio» das Escolas do Torne e do Prado²⁹.

Todavia, se Diogo Cassels pôde exaurir praticamente todos os seus meios de fortuna na obra social e educativa que erigiu e verdadeiramente sustentou; após a sua morte, os sucessores não dispuseram de recursos equivalentes, e a filantropia da rede de benfeitores começou a desvanecer-se ou a orientar-se para outros destinos. No último quartel do século XX, as transformações socioeconómicas decorrentes da revolução de Abril alteraram significativamente o contexto de atuação da Escola do Torne, que em 1989 teve de interromper o ensino primário, continuando desde então com a educação pré-escolar e outras valências formativas no âmbito da Associação das Escolas do Torne e do Prado, uma IPSS criada na altura³⁰.

A Escola do Torne conta com um arquivo bastante importante, incluindo séries relativamente bem conservadas de registos de matrícula e frequência e outra documentação desde o século XIX, presentemente em processo de tratamento e inventariação³¹, evidenciando-se também como fonte primordial as notícias que Diogo Cassels mensalmente difundia no *Egreja Lusitana*, periódico que fundou e dirigiu até 1923. Assim, o Torne tem sido objeto de diversos estudos, desde as notas quase autobiográficas de Diogo Cassels (1898 e 1908), até muitos outros trabalhos nos quais, por vezes mais que a escola, são apresentadas a figura e a obra do seu fundador³², devendo destacar-se também alguns opúsculos editados pela Associação dos Antigos Alunos das Escolas do Torne e do Prado³³. As conceções escolares e estratégias educativas têm merecido particular atenção, bem assim como o universo discente e docente da escola ou o importante dispositivo das festas escolares³⁴.

O principal biógrafo de Diogo Cassels foi Fernando Peixoto (1947-2008), quer pela análise do seu contexto familiar³⁵, quer de forma monográfica na sua dissertação de mestrado³⁶, sendo também interessante ver algumas perspetivas mais incomuns num apontamento de um antigo aluno de Cassels³⁷. Por fim, poderão anotar-se ensaios sobre o jornal *Egreja Lusitana*³⁸, o complexo edificado das escolas

²⁹ *Egreja Lusitana*, 482. V. N. Gaia, 18.08.1920, p. 3.

³⁰ SILVA & AFONSO, 2015.

³¹ AFONSO & SILVA, no prelo.

³² Vd. MOREIRA, 1949 e 1958; ASPEY, 1971; CABRAL, 1978.

³³ *Notas biográficas...*, s.d.; Escolas do Torne, 1957.

³⁴ Cf., entre outras referências, AFONSO, 2000, 2001a, 2004 e 2009; SILVA & AFONSO, 2015; AFONSO *et al.* 2001 e 2016.

³⁵ PEIXOTO, 1995.

³⁶ PEIXOTO, 2001 e 2005.

³⁷ SARDINHA, 1984.

³⁸ SILVA, 1995b.

e templo³⁹ ou mesmo sobre os recursos formativos de entretenimento e literatura que a comunidade educativa dispunha⁴⁰.

4. A ESCOLA DO PRADO

A visão de Cassels, atenta às realidades socioeconómicas da região onde se movimentava, levou-o a considerar o projeto de expandir o trabalho educativo e religioso do Torne com um novo polo nas Devesas, lugar que se tinha tornado num importante centro industrial desde que a expansão da ferrovia aí instalara a estação terminal da linha do Norte (1864), entretanto prolongada para norte do Douro com a construção da ponte Maria Pia (1877).

Aí se tinham instalado importantes fábricas, designadamente de cerâmica, como a das Devesas (1865) ou a Pereira Valente (1884), mas também unidades ligadas à fundição e serralharia, aos tabacos, fição e tecelagem, complementando a tradição das tanoarias que serviam os armazéns de vinhos e outros produtos situados mais próximos do rio. Estabelecera-se, por isso, naquele lugar um numeroso núcleo operário, em grande parte constituído por famílias vindas do interior do País, desenraizadas social e geograficamente, com deficientes condições de subsistência e à qual faltava largamente a assistência religiosa e educativa, sobrando em contrapartida a sociabilidade das tabernas e outros entretenimentos menos moralizadores.

Foi assente nestas razões que Diogo Cassels justificou a sua iniciativa:

Como no lugar das Devesas que dista de um quilómetro e meio da Capela de S. João Evangelista há uma numerosa população operaria, e não existia ali nenhum templo Cristão de qualquer rito, e como também vagueavam pelas ruas bandos de crianças sem instrução (porque a professora da única escola oficial ali apesar de muito zelosa não podia admitir nem a metade destas crianças na sua escola), um ministro da Igreja Lusitana concebeu a ideia de edificar uma Capela Escola no lugar das Devesas⁴¹.

As obras iniciaram-se nos inícios de 1900, com plano e direção de Marcelino Lucas Júnior, arquiteto da Câmara Municipal. No tocante ao edifício escolar o projeto previa a construção de duas salas, «tendo cada uma escritaninhas para 60 alunos, sendo amplas bem ventiladas e com ampla luz», havendo ainda uma residência e salão para conferências no piso superior e, na parte posterior: «um pátio

³⁹ SILVA, 1995c.

⁴⁰ SILVA & AFONSO, 2008; AFONSO & SILVA, 2008.

⁴¹ CASSELS, 1908: 136-137.

de recreio para as alunas e ainda um campo pequeno, onde mais tarde talvez se possa estabelecer um ginásio para os alunos»⁴².

A sessão solene para colocação da pedra fundamental realizou-se a 19 de março, estando presentes ministros da Igreja Lusitana e várias personalidades locais, nomeadamente os industriais republicanos José Gonçalves da Silva Matos e José Mariani. Este último, cuja residência e fábrica de fiação e tecidos eram vizinhas da nova escola, é descrito como «um dos iniciadores desta obra»⁴³, sendo na verdade um dos seus principais financiadores a seguir a Diogo Cassels, contribuindo com 100 mil réis para a compra do relógio e 50 mil réis para outras despesas. Nos discursos:

*todos louvaram a ideia do levantamento duma capela-escola naquele lugar, que consideravam um grande melhoramento e um avanço no caminho do progresso, da moral e da instrução, e que esta nova capela (...) ia preencher uma lacuna, porque até agora não existia templo algum no populoso lugar das Devesas, e porque a única escola mista e oficial (...) não tinha lugar para receber a metade das crianças que vagueavam pelas ruas*⁴⁴.

As obras de construção do imóvel, «destinado para um templo de instrução, tanto para crianças como adultos e igualmente para uma casa de oração»⁴⁵, não foram isentas de dificuldades, dada a natureza instável dos terrenos⁴⁶, mas prosseguiram a bom ritmo e suscitavam curiosidade e expectativa, como Diogo Cassels noticiava no *Egreja Lusitana* em finais do ano: «já grande número de alunos pedem para ser matriculados e a vizinhança pergunta com insistência se a nova escola terá relógio de torre, visto que no lugar não há nenhum que se faça ouvir»⁴⁷.

A inauguração não aguardou a conclusão das obras e foi marcada para o primeiro dia de maio de 1901, «coincidência notável, dia de festa para todos os operários», como Cassels observou⁴⁸. Quinze dias depois iniciaram-se as aulas de instrução primária para o sexo masculino e aulas noturnas para adultos e rapazes, com 50 alunos matriculados em cada uma das turmas (fig. 5). O primeiro professor contratado foi o Rev. Manuel Gonçalves de Sousa, um conceituado sacerdote que havia abandonado a igreja católica-romana, ficando a cargo do professor José Afonso as aulas noturnas, a funcionar no salão do primeiro andar; o *Egreja Lusitana* anunciava também a oferta de aulas de Francês, sob responsabilidade do Rev.

⁴² *Egreja Lusitana*, 74. V. N. Gaia, fevereiro de 1900, p. 4.

⁴³ *Egreja Lusitana*, 76. V. N. Gaia, abril de 1900, p. 2-3.

⁴⁴ *Egreja Lusitana*, 76. V. N. Gaia, abril de 1900, p. 3.

⁴⁵ *Egreja Lusitana*, 90. V. N. Gaia, junho de 1901, p. 2.

⁴⁶ DUARTE, 1999a: 12.

⁴⁷ *Egreja Lusitana*, 84. V. N. Gaia, dezembro de 1900, p. 1.

⁴⁸ *Egreja Lusitana*, 90. V. N. Gaia, junho de 1901, p. 2.

Sousa⁴⁹. As obras apenas foram terminadas em meados de 1902, e em outubro desse ano tiveram início as aulas de instrução primária para meninas. Já em 1903 o jornal anunciava que as aulas «se acham inteiramente completas de alunos, e é inteiramente impossível admitir mais, quer na aula do sexo masculino, quer do sexo feminino»⁵⁰. Na notícia ainda se referia, com grande alegria, que muitas crianças «têm-se adiantado e feito notáveis progressos».

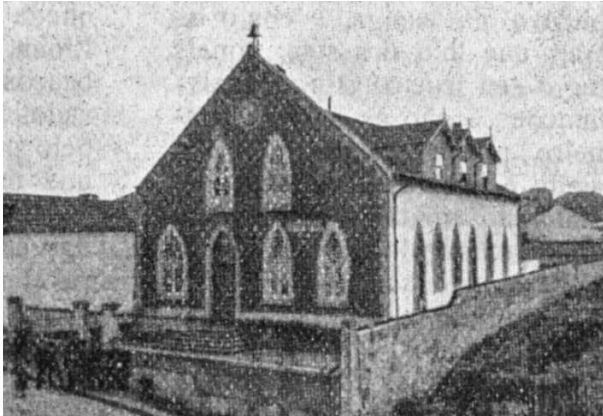


Figura 5.
A Escola e Igreja do Prado.
Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

Sendo a escola do Prado considerada por Diogo Cassels como uma filial da do Torne, naturalmente os recursos e dispositivos pedagógicos eram relativamente similares. Também no Prado se realizavam com alguma frequência sessões de lanterna mágica onde se exibiam “muitas vistas” e quadros luminosos, como a “História de David” ou a “Primeira Oração de Jéssica”, seguindo-se por vezes uma distribuição de café e regueifas. As festas escolares, normalmente celebradas em conjunto com a do Torne, ganham naturalmente o mesmo sentido tópico, e o ritmo do ano escolar é também assinalado pela participação das crianças em desfiles e comemorações cívicas como o Centenário da Almeida Garrett que teve lugar no Palácio de Cristal em 1910⁵¹ ou na “Festa Nacional chamada da Árvore”, como a designava Cassels⁵².

Em 1913 fixa residência no Prado como professor Augusto Nogueira, vindo de idênticas funções na escola do Torne. Nogueira era um dos discípulos preferidos de Diogo Cassels e a sua deslocação para o Prado correspondeu praticamente à assunção da direção da escola, embora formalmente esta responsabilidade só fosse

⁴⁹ *Egreja Lusitana*, 90. V. N. Gaia, junho de 1901, p. 2-3.

⁵⁰ *Egreja Lusitana*, 126. V. N. Gaia, 23.06.1903, p. 2.

⁵¹ *Egreja Lusitana*, 268. V. N. Gaia, 02.06.1910, p. 1.

⁵² *Egreja Lusitana*, 350. V. N. Gaia, 01.04.1914, p. 2.

plena a partir da morte de Cassels, em 1923, altura em que a Escola do Prado se autonomizou da do Torne. Exercendo como professor até cerca de 1940 e como diretor até à década seguinte, Augusto Nogueira marcaria profundamente, pela sua personalidade e carácter, a docência e a identidade da escola do Prado⁵³.

O percurso da escola do Prado no decurso do século XX foi de certa maneira paralelo ao da Escola do Torne, ganhando em reconhecimento pedagógico o que os poucos recursos e o défice crónico ameaçavam continuamente, tanto mais que o Prado albergou sempre uma população escolar muito menor que a do Torne e não possuía condições físicas para expansão ou significativas alterações ao modelo educativo. Por alturas de 1918 o Prado oferecia «aulas de línguas e outras disciplinas de tarde depois das 5 horas»⁵⁴, e na década seguinte lecionava «instrução primária e secundária diurna e noturna para ambos os sexos»⁵⁵, sendo que Augusto Nogueira além das classes do ensino primário ministrava as aulas noturnas de português, francês, inglês e cálculo comercial para exame externo à Escola Comercial de Oliveira Martins⁵⁶. Por esta altura, a procura era grande e os jornais publicavam avisos para que as matriculas se realizassem impreterivelmente nas datas estipuladas porque os que não cumprissem «sujeitavam-se a não encontrar lugar»⁵⁷ na escola.

À medida que a centúria de Novecentos progredia, as endémicas debilidades financeiras da escola, a progressiva oferta da escolarização oficial e, por fim, as novas condições sociais e económicas resultantes do regime democrático implantado em 1974 acabaram por tornar insustentável a sobrevivência da escola do Prado, que se viu obrigada a fechar portas em 1989, vindo as suas instalações a ser utilizadas para um Centro Comunitário para apoio a idosos.

O arquivo escolar conta com séries mais ou menos completas de registos de matrícula e frequência, entre outra documentação avulsa, recentemente compulsada num modesto ensaio monográfico⁵⁸. As fontes clássicas radicam naturalmente na pena de Cassels, através da sua *Reforma em Portugal* (1908) ou no *Egreja Lusitana*, a que poderão acrescentar-se, para a época que aqui nos interessou, breves notas de Augusto Nogueira (1930) e as publicações da Associação dos Antigos Alunos já citadas. Cingindo-nos à história mais institucional (uma vez que em termos pedagógicos a generalidade da bibliografia sobre Cassels e o Torne têm aqui aplicação), o grande memorialista da escola e igreja do Prado foi Júlio Duarte (1911-2005),

⁵³ DUARTE, 1986; SILVA *et al.*, 2016.

⁵⁴ *Egreja Lusitana*, 448. V. N. Gaia, 28.09.1918, p. 4.

⁵⁵ *O Cristão Lusitano*, 4. V. N. Gaia, março de 1925, p. 8.

⁵⁶ DUARTE, 1999a: 30.

⁵⁷ *Egreja Lusitana*, 482. V. N. Gaia, 18.08.1920, p. 3.

⁵⁸ SILVA *et al.*, 2016.

que em numerosos estudos e artigos de imprensa registou episódios vividos ou escutados diretamente⁵⁹, tendo por isso a sua obra um grande significado afetivo e testemunhal.

5. ANDRÉ CASSELS E O BOM PASTOR

Andrew Boys Cassels (fig. 6), cinco anos mais novo que o seu irmão Diogo, não demorou muito tempo a seguir-lhe as pisadas na atividade religiosa e educativa. É o próprio André que, já no final do seu ministério, narra os começos do seu trabalho educativo e evangelístico:

Em 1879, eu e minha família, viemos para o Candal, onde mrs. Kate Cassels, minha falecida esposa, principiou logo a trabalhar em benefício das mulheres e das crianças pobres, socorrendo-as nas suas necessidades, pelo que conquistou muita simpatia. Em 1882, por sua iniciativa, foram inaugurados em Lavadores, cultos evangélicos aos domingos à noite, a que assistia muita gente. Naquele mesmo ano, a mesma senhora conseguiu abrir, na rua do Monte [Coimbrões⁶⁰], uma escola para o sexo masculino e outra para o sexo feminino, matriculando-se logo na primeira semana 250 crianças. As escolas eram diárias e dominicais, aproveitando-se a escola feminina, que era a mais espaçosa, para a realização de cultos aos domingos e quartas-feiras, sendo a assistência numerosa, principalmente de mulheres⁶¹.



Figura 6. André Cassels (1849-1931), fundador das escolas do Bom Pastor (Candal) e da Madalena.

Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

⁵⁹ A maior parte dos trabalhos de Júlio Duarte foram editados em versões dactilografadas ou fotocopiadas de pequena tiragem e por isso de acesso difícil; todavia, pode encontrar-se uma coleção bastante completa na Biblioteca Pública Municipal de V. N. Gaia.

⁶⁰ No relatório de 1889, André Cassels refere que “no ano de 1882 estabeleceu-se uma escola mista evangélica no lugar do Candal e ao mesmo tempo uma escola dominical e cultos divinos, nos domingos e quartas-feiras”, o que parece corresponder à narrativa posterior do mesmo Autor, devendo aqui haver lapso de localização (*Relatório da Igreja Lusitana (...) 1889*. Lisboa, 1890, p. 25).

⁶¹ CASSELS, 1930.

Poucos anos depois, entre 1883 e 1884, foi comprada uma propriedade na rua do Rei Ramiro, onde foram edificadas escolas para ambos os sexos, desde então conhecidas como Colégio ou Escola Evangélica do Bom Pastor, construindo-se pouco depois um templo e outras dependências (fig. 7). A escola, dirigida por André Cassels e esposa, Elisabeth Kate, era descrita em 1884 como constando: «de duas novas e magníficas salas, sendo uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino. Estas aulas que já tem uma frequência de cerca de 150 crianças, são muito espaçosas, alegres e bem ventiladas. Também há casa de habitação para o porteiro e um pátio grande para recreio», acrescentando a notícia que: «exce- tuando as magníficas escolas paroquiais da freguesia de Avintes, não há outras em melhores condições em todo o Concelho de Gaia»⁶².

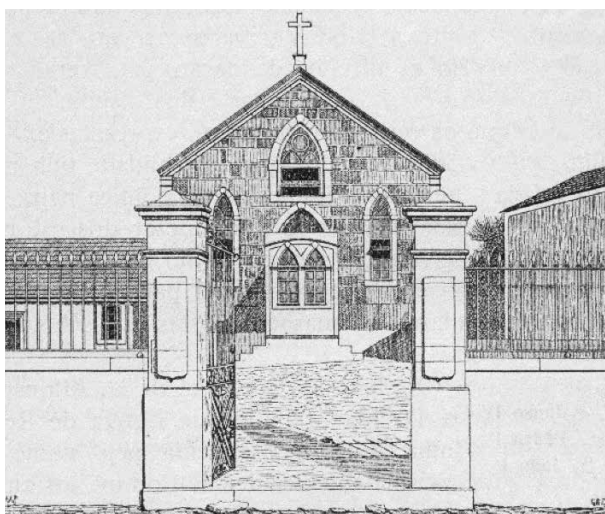


Figura 7.
Antigo edifício do templo
do Bom Pastor⁶³.

Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

Mais tarde seriam contabilizados em mais de três milhares o número de alunos matriculados entre a inauguração da Escola, assumida formalmente no ano de 1882⁶⁴, e o ano de 1896, com uma média anual normalmente superior a 200 alunos, englobando as classes masculina, feminina e noturna⁶⁵, mas muitos mais passariam pela escola, que se manteve em funcionamento até aos começos da década de 1960. As aulas noturnas decorriam, aqui como noutras escolas, sob a égide da União Cristã da Mocidade – um corpo associativo destinado à juventude que apoiava o

⁶² *A Reforma. Echo da Egreja Lusitana*, 14. Porto, 30.07.1884, p. 111.

⁶³ À esquerda do templo pode ver-se uma parte das salas nas quais funcionava a escola.

⁶⁴ Considerando o trabalho prévio na rua do Monte (SILVA *et al.*, 2016: 4), pois as instalações escolares da rua de Rei Ramiro só abriram em 1884.

⁶⁵ SILVA, 2007.

trabalho da igreja – e segundo um registo funcionava em 1903 com três classes, sendo «a frequência numerosa e os alunos têm aproveitado muitíssimo»⁶⁶ (fig. 8).



Figura 8.
Um grupo escolar do Bom Pastor⁶⁷.
Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

O trabalho escolar prosseguiu ao longo dos anos, adivinhando-se dos poucos registos conservados permanentes debilidades financeiras e, por vezes, talvez alguma dificuldade de afirmação no meio social, conforme poderá depreender-se de uma nota do relatório paroquial de 1913:

*Continuamos a ter aberta com grande frequência a nossa Escola Lusitana do Bom Pastor. É um dever pátrio iluminar o espírito das criancinhas, embora seus pais não saibam, na sua quase totalidade, ser gratos pelo benefício que recebem, porque imaginam que com isso temos lucros ocultos. Não precisamos que nos louvem, mas lamentamos que não compreendam a obra de abnegação que há dezenas de anos vimos praticando*⁶⁸.

A escola do Bom Pastor é a única da qual conhecemos o texto de uma espécie de regulamento interno, publicado em duas versões em 1909 e 1912. A primeira enuncia em introito que:

*é lamentável que muitos pais tenham somente cuidado, quando o têm, em mandar seus filhos à escola diária e se esqueçam de cumprir o que é usual em todas as escolas evangélicas. Referimo-nos ao descuido, muitas vezes propositado, de não mandarem as crianças às Aulas Dominicais, onde lhes é dedicado exclusivamente algum tempo para a sua educação moral*⁶⁹.

⁶⁶ O Bom Pastor. Boletim mensal da obra evangélica no Candal. Setembro-outubro de 1903, p. 8.

⁶⁷ Fotografia datada das primeiras décadas do século XX.

⁶⁸ Relatório da Igreja Lusitana (...). 1913. Lisboa, 1914, p. 38.

⁶⁹ O Bom Pastor, 2ª Série, 3. V. N. Gaia, junho de 1909, p. 4.

Esta constatação justificou que os pais dos alunos a matricular tivessem de preencher desde então um requerimento de matrícula em cujo verso se encontrava impresso o regulamento, a que implicitamente se sujeitavam nesse ato. Além de apontar a idade mínima de admissão e a obrigatoriedade das crianças serem vacinadas⁷⁰, estabelecia-se a propina de 20 réis semanais e a obrigação dos alunos assistirem com regularidade às Aulas Dominicais, prevendo-se mesmo uma assiduidade mínima de dois terços das aulas, sob pena de anulação da matrícula na escola diária⁷¹.

Em 1912, o regulamento escolar foi revisto, indicando-se que a escola passara a ser mista (o que sugere que, pelo menos nos anos anteriores, tal não sucedera) e estabelecendo-se propinas diferenciadas para os “filhos dos pais evangélicos” e para os restantes alunos: aqueles pagariam 20 réis por semana para a 1ª e 2ª classes e 40 réis na 3ª e 4ª classes; a propina geral era respetivamente de 60 e 100 réis. Em obediência à Constituição da República e à Lei da Separação expressava-se claramente que «está abolido o ensino religioso nesta escola», informando-se, porém, que: «para os filhos dos pais evangélicos, a Corporação Cultural da Igreja Lusitana do Bom Pastor, em horas que não se relacionem com as da Escola estabelecerá classes para explicação do Evangelho dentro da Igreja». O último ponto do regulamento previa contudo, de forma hábil, que todos os alunos poderiam «gozar das mesmas regalias que gozam os filhos dos pais evangélicos (*i.e.*, propinas reduzidas) uma vez que seus pais venham declarar à secretaria da escola que querem que seus filhos assistam às classes para explicação do Evangelho». Assinam o regulamento os diretores André e May Cassels⁷² e, como subdiretor, Armando Pereira de Araújo⁷³.

Na primeira década do século XX, a igreja lusitana do Bom Pastor abriu uma missão na vizinha freguesia da Madalena, onde também funcionou a partir de 1905 uma escola com aulas à noite para adultos. No relatório de 1907 desta atividade escolar, aqui igualmente coordenada pela União Cristã da Mocidade, anotava-se que o curso noturno tinha sido iniciado em outubro com 15 alunos, indicando-se também o seu ritmo de alfabetização e os prémios recebidos por isso⁷⁴ (fig. 9). A missão manteve trabalho religioso até 1927⁷⁵, mas aparentemente a atividade

⁷⁰ Esta preocupação de saúde pública era bem conhecida em André Cassels, que por sua iniciativa se encarregava de vacinar contra a varíola as crianças que o não tivessem feito (DUARTE, 1999b, com referências aos números do *Bom Pastor* 2 (maio de 1909), 14 (junho de 1910) e 27 (julho de 1911).

⁷¹ *O Bom Pastor*, 2ª Série, 3. V. N. Gaia, junho de 1909, p. 4.

⁷² Mary Alisa Phillipa, a sua primeira filha (PEIXOTO, 2001: 201).

⁷³ *O Bom Pastor*, 3ª Série, 34. V. N. Gaia, fevereiro de 1912, p. 7.

⁷⁴ Arquivo Paroquial do Salvador do Mundo (V. N. Gaia) – *Relatório da União Christã da Mocidade (Delegação da União de Gaya). Magdalena. Gerência de 1906-1907*. 07.12.1907. Documento manuscrito.

⁷⁵ DUARTE, 1997.

na indústria local, ainda incipiente, mas sobretudo no vizinho polo fabril de Santa Marinha. A população crescia a bom ritmo (21% ao longo da década), mas dos quase 5200 habitantes aí recenseados em 1900 apenas 31% dos homens e 18% das mulheres sabiam ler⁷⁹.

Registando precisamente este crescimento demográfico – «a população aumentava de ano para ano de uma maneira admirável» – a Junta da Freguesia, reunida em sessão a 15 de março de 1907, pede à Câmara Municipal a criação de uma escola mista, alegando que: «o povo na sua ignorância comete erros inconscientemente, não sabendo cumprir os seus deveres para com Deus, para consigo, nem para com os seus semelhantes»⁸⁰. Por coincidência ou não, um par de meses depois, uma comissão de 83 oliveirenses, na sequência da boa receção a pregações feitas por membros da União Cristã da Mocidade (Torre) e argumentando também com o aumento demográfico da localidade, endereça ao presidente do sínodo⁸¹ da Igreja Lusitana uma petição para que a Igreja estabeleça ali uma escola: «onde os moradores desta terra recebessem a indispensável instrução (...) ao mesmo tempo preparadora do intelecto e purificadora de espírito (...) [para] produzir cidadãos honestos e valiosos quer para a vida particular quer para o convívio social»⁸². A nova escola suscitou acesa polémica na imprensa local, nomeadamente entre *A Verdade*, um jornal que defendia os interesses católicos e *A Luz do Operário*, órgão socialista, que pugnava pelo projeto educativo lusitano⁸³, simpatia que aliás levou ao afastamento político do jornal face ao Partido Socialista⁸⁴.

Naturalmente, a Igreja Lusitana não colocou quaisquer entraves à iniciativa, formou-se uma comissão (onde, sem surpresa, pontificava Diogo Cassels, que ofereceu o material escolar) e logo a 6 de outubro do mesmo ano o Colégio Lusitano abriu as portas. Numa luzida sessão inaugural foram lidas saudações de importantes personalidades locais e interveio Luis Gonçalves de Oliveira, redator d'*A Luz do Operário*, muito aclamado pelo apoio dado à iniciativa. Sintetizando os propósitos da escola, o discurso de Cassels sublinha: «as grandes vantagens da instrução e diz que não são só heróis aqueles que levaram o nome português a todos os territórios estrangeiros na ponta da baioneta, mas sim também aqueles que se esforçam para rasgar o véu das densas trevas da ignorância a toda a humanidade»⁸⁵.

⁷⁹ COSTA, 2004: 275-87.

⁸⁰ ALMEIDA, 1985: 156.

⁸¹ O sínodo é o órgão máximo de governo da Igreja Lusitana, composto pelo clero e representantes leigos das paróquias (originalmente em igual número, o pároco e o representante secular).

⁸² *Egreja Lusitana*, 200. V. N. Gaia, maio de 1907, p. 2-3.

⁸³ ALMEIDA, 1985: 406-408.

⁸⁴ SANTOS, 2014: 33.

⁸⁵ *Egreja Lusitana*, 209. V. N. Gaia, 10.10.1907, p. 4.

O colégio ficou instalado numa sala «espacosa e em boas condições higiénicas»⁸⁶, aparentemente no edifício na atual rua Caetano de Melo, onde em 1954 um grupo de antigos alunos descerrou uma pequena lápide evocativa. O ano letivo abriu com uma frequência de 54 alunos na aula diurna e 30 na noturna: «tendo nesta última aula sido a inscrição tão abundante que ficaram muitos alunos com a nota de suplentes para serem admitidos logo que seja possível»⁸⁷. José Maria Leite Bonaparte (fig. 10), discípulo de Cassels e um dos alunos do primeiro curso teológico da Igreja Lusitana, era o professor.



Figura 10. José Maria Leite Bonaparte (1883-1951), fundador do Colégio Lusitano de Oliveira do Douro.

Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

Nos anos seguintes a escola funcionou com notória afluência de alunos, se bem que apenas lecionasse ao sexo masculino e a adultos. Contabilizam-se mais de uma centena de alunos em 1908, com as primeiras aprovações em exames do 1.º grau, e no relatório de 1911 Bonaparte regista que: «é impossível atender aos numerosos pedidos de admissão que constantemente nos fazem»⁸⁸. Entretanto a escola muda de instalações (fig. 11), passando em 1909 para um imóvel na rua dos Mestres (atual rua Santos Pousada) e Bonaparte acentua a necessidade de se abrirem as aulas ao sexo feminino:

*O ensino primário para o sexo feminino nesta freguesia encontra-se todo nas mãos dos reaccionários. Os crentes que têm filhos vêem-se obrigados a mandá-los para essas escolas, onde os professores, ferrenhos católicos romanos, lhes vão inculcando os erros romanistas. Eis outra necessidade, e urgente – uma escola para o sexo feminino. Enquanto a não tivermos não podemos contar com o elemento feminino nos nossos cultos*⁸⁹.

Em 1914, pela primeira vez, as aulas funcionaram em regime misto, sendo professora das meninas Laura Bonaparte, esposa do diretor e ministro da congregação religiosa à qual a escola estava anexa. A falta de fontes não permite saber o que se passou nos anos seguintes, pois só em 1925 temos notícia de que o colégio ministrava a ambos os sexos, oferecendo também aulas noturnas para operários. Entre

⁸⁶ CASSELS, 1908: 149.

⁸⁷ *O Imparcial. Jornal mensal...*, 1. V. N. Gaia, 01.10.1907, p. 4.

⁸⁸ *Relatórios da Igreja Lusitana (...)*. 1911. Lisboa, 1912, p. 48.

⁸⁹ *Relatórios da Igreja Lusitana (...)*. 1912. Lisboa, 1913, p. 49.



Figura 11.
Imóvel onde funcionou o
Colégio Lusitano de Oliveira do
Douro (1907-1909).

Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

1920 e 1925, igreja e escola mudaram-se para o lugar do Sardão e só então, tendo José Bonaparte adquirido umas casas no Outeiro, aí se fixaram definitivamente.

À imagem do que se passava no Torne, realizavam-se também no Colégio Lusitano festas escolares para distribuição de prémios aos alunos com melhor frequência ou resultados, que naturalmente representavam o apogeu do ano escolar. Temos notícia desses eventos pelo menos entre 1909 e 1914, sendo o programa similar ao das festas nas outras escolas lusitanas e a mesa composta muitas vezes com elementos das autoridades civis. Os prémios incluíam medalhas comemorativas de prata, livros religiosos e profanos, lapiseiras, peças de vestuário e outros, recorrendo-se à generosidade de benfeitores para a sua aquisição.

A escassez de recursos financeiros foi um constrangimento crónico na vida da escola, que ia sobrevivendo à custa de subscrições e apoio de particulares, e em 1914, agravadas as dificuldades pelo tempo de guerra, foi duplicada a quota mensal dos alunos, que passou para quatro centavos, com a promessa de voltar ao valor original após o conflito⁹⁰. Ainda assim, o Colégio Lusitano de Oliveira do Douro esteve em funcionamento até 1948 ou 1949, tendo passado pelos seus bancos talvez perto de um milhar de alunos⁹¹.

As fontes para o estudo da vida desta escola são escassas e resumem-se praticamente à memória oral, alguns relatórios e a notícias da imprensa, sendo bastante lacunares as séries temporais dos alunos ou informações de outra natureza, recen-

⁹⁰ *Relatórios da Igreja Lusitana (...)*. 1914. Porto, 1915, p. 53.

⁹¹ SILVA, 2013: 14-17.

temente compiladas por ocasião de um aniversário da paróquia⁹². Alguns dados históricos foram reunidos por Diogo Cassels (1908) e Leite Bonaparte (1930), podendo ainda ver-se Júlio Duarte (1992) e Luís Almeida⁹³ para alguns aspetos biográficos do fundador da igreja e do Colégio Lusitano de Oliveira do Douro.

7. A REDE ESCOLAR LUSITANA EM VILA NOVA DE GAIA: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE CONJUNTA

Elencados que foram os momentos fundacionais das escolas e o seu desenvolvimento inicial, importa destacar as dimensões que permitem sugerir a consistência da lógica de rede escolar que estas instituições patenteiam.

A amplitude da noção de rede escolar é geneticamente associada à dinâmica social que estas comunidades fomentaram, religando fenómenos normalmente tomados isoladamente; assim poder-se-á considerar que a rede escolar se aproxima do conceito de “campo reformador”, entendido como um campo autónomo resultante, de «uma série de percursos com condições e objetivos diferentes» que, como enfatiza Christian Topalov: «tomou a forma de um conjunto de instituições organizado por sistemas de posições provisoriamente estabilizadas e associadas a categorias de pensamento e ação»⁹⁴.

A rede escolar engloba então uma dupla dimensão – a pedagógica e a social – entrelaçadas numa lógica de investimento social que a visão globalizante do protestantismo matriciado pelo *Réveil*⁹⁵ espelha. Circunscritos às escolas que eletricamente incorporaram a rede institucional da Igreja Lusitana em Gaia, importa ensaiar uma trajetória que nos permita refletir em torno da perspetiva holística em que porventura a escola se assume como um indelével vetor de fé e de coesão⁹⁶.

A lógica da escola, associada à lógica do templo, traduz-se numa intensa vinculação comunitária que, por este *modus operandi*, aproxima a sensibilidade desse

⁹² SILVA, 2013.

⁹³ ALMEIDA, 1985: 343-344.

⁹⁴ TOPALOV, 1999: 465 (tradução dos autores).

⁹⁵ Os *Réveils* (em inglês *revivals* ou *awakenings*) referem-se genericamente a movimentos surgidos periodicamente dentro do cristianismo que pretendem “acordar” os crentes de uma fé adormecida, instalada ou rotineira. Estes movimentos de renovação espiritual têm ocorrido com alguma frequência no seio das igrejas protestantes e evangélicas, como no Reino Unido e Estados Unidos entre meados dos séculos XVIII e XIX. Pode admitir-se, num plano meramente individual, que alguns dos agentes da implantação do protestantismo em Portugal no século XIX (Kalley, Herreros de Mora, Cassels e outros) possam ter sido influenciados por algumas destas correntes de reavivamento religioso, cujas expressões, além da devoção e piedade pessoal, passavam pelo zelo missionário.

⁹⁶ Cf. CABANEL, 2006.

“protestantismo de *réveil*” do povo. Contudo, não confisca a sua identidade confessional: *in loco*, estas escolas protestantes constituem uma oferta comunitária, assumindo pertinência heurística o nó templo/escola como expressão da ação estrutural de um cristianismo social, assente em dinâmicas de solidariedade que são simultaneamente morais, culturais, sociais e religiosas, e que podem entender-se como uma matriz de políticas reformadoras. As escolas são, nesta aceção, indelevelmente espaços de ação política, que almejam restaurar e modernizar estruturas e redes sociais, tendo por essência a originalidade de operar uma mudança de perspetiva através de um repertório de obras materializadas.

Conjugando, então, o pensamento e a ação como exemplo edificante, julgamos que esta dupla dimensão, não podendo ser dissociada, possibilita abordagens particulares, quer às dinâmicas pedagógicas, quer às sociais. Relativamente às dinâmicas pedagógicas, retenhamos o que pode ser comum, tendo em consideração a variável geometria ou autonomia das escolas nos planos pedagógico e organizativo, como o que se refere aos edifícios, mobiliário escolar ou aos dispositivos pedagógicos mobilizados (por exemplo, a lanterna mágica) e, naturalmente, a qualidade do corpo docente. Estas escolas tendem a configurar um padrão de excelência, aferido pelo sucesso dos seus alunos nos exames oficiais. Esta circunstância é uma das faces do paulatino investimento (ou modernização) que é feito nas escolas e atestado pelas inspeções escolares que progressivamente vão reconhecendo o afã de qualificar o ensino, o método e o próprio corpo docente que os promotores destas escolas encetaram.

Nos anos de 1880 o insuspeito António da Costa, ministro de um primeiro e efêmero Ministério da Instrução Pública, enaltece as escolas de propaganda protestante – enquadrando-as nas “iniciativas dos mais ou menos abastados que formam associações” – não se inibindo de tecer rasgados elogios a Diogo Cassels⁹⁷. Na mesma década, nas Conferências Pedagógicas do Porto de 1884, o inspetor escolar António Simões Lopes louva a ação de Diogo Cassels destacando as escolas de ambos os sexos, os cursos noturnos, a escola infantil e os trabalhos de labores, realçando também as visitas a escolas públicas que Diogo Cassels e os seus alunos promoviam com frequência⁹⁸, observações que, aliás, contrastam um pouco com as inspeções escolares da década anterior, que assinalaram alguns aspetos menos positivos na escola do Torne⁹⁹.

Numa sequência cronológica fundacional a Escola do Torne é a primeira, e o modelo pedagógico que implementou ir-se-á replicar pelas outras escolas que

⁹⁷ COSTA, 1885: 133-134, 236 e 443.

⁹⁸ LOPES, 1884: 67-68.

⁹⁹ DIAS, 2000: 107; CORRÊA, 1991: 653-673.

entretanto se criaram, tendo objetivamente em consideração a escala e os condicionalismos desses novos espaços (fig. 12). Em 1896 o representante da Spanish and Portuguese Church Aid Society, Thomas J. Pulvertaft, numa visita às igrejas reformadas de Portugal e Espanha nota, sem qualquer restrição, que as escolas do Torne e do Bom Pastor estão entre as melhores da Península¹⁰⁰.



Figura 12.
Grupo escolar do Prado nos começos do século XX¹⁰¹.
Fonte: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

Num tempo e espaço pautados por uma inequívoca hegemonia do catolicismo romano, que encontra inusitadas expressões de reação e oposição a qualquer manifestação que não se enquadre nos cânones da religião oficial, estas escolas demonstraram em Vila Nova de Gaia a sua identidade religiosa através da exemplaridade democrática e laica da sua oferta educativa, aproximando-as, portanto, das classes populares. São escolas inseridas em comunidades em transição para a industrialização e onde as ruturas da sociabilidade estão mais presentes; são escolas pautadas pelas premissas do “progresso, da moralidade e da educação” – como Diogo Cassels evocava com ênfase visionário: «a instrução há-de chegar a cada aldeia, a cada casa, a cada família, a cada pessoa, a cada fábrica, a cada oficina. Seja a nossa divisa o Progresso, o Trabalho, a Industria e a Instrução»¹⁰² – o que se traduz pela captação de diversos públicos: feminino e masculino, adultos, jovens e crianças, sem nenhuma limitação quanto a «dogmas e preceitos peculiares de qualquer religião», como o mesmo Cassels reiterava frequentemente.

¹⁰⁰ PULVERTAFT, 1897: 23.

¹⁰¹ Pode observar-se ao fundo, à direita, Diogo Cassels e uma professora; ao centro José Bonaparte e à esquerda Augusto Nogueira, o sucessor de Cassels na direção da escola.

¹⁰² *Egreja Lusitana*, 184. V. N. Gaia, 15.08.1906, p. 2-3.

Aliás, como que prevendo eventuais dúvidas que os regulamentos de 1908 e 1912 da escola do Bom Pastor pudessem suscitar acerca do carácter impositivo de quaisquer princípios doutrinários, André Cassels explicava no mesmo ano:

uma das coisas que sobremaneira nos alegrou foi a maioria dos pais dos nossos alunos nos dizerem que tendo aprendido na nossa escola, nunca sobre eles se exercesse a chamada pressão religiosa, e de boa vontade queriam que seus filhos fossem assíduos frequentadores das classes especiais para a explicação do Evangelho¹⁰³.

Na verdade, no plano curricular seguiam-se rigorosamente nas escolas lusitanas os normativos que regulavam o ensino público, e relativamente à educação religiosa – também assumida frequentemente como cívica e moral – ela era ministrada nas escolas dominicais das respetivas igrejas. Esta particularidade sempre foi uma característica das escolas protestantes, e mesmo na República, na sequência da Lei da Separação do Estado das Igrejas, as escolas souberam conciliar as posições antinómicas através da constituição de associações culturais, que se encarregariam de “organizar classes de explicação do evangelho dentro da igreja” em horas que não “se relacionam com as da escola”, cumprindo com pragmatismo o art.º 10.º da Constituição da República que estabelecia que “o ensino deve ser neutro em matéria religiosa”, como se viu pelo regulamento de 1912 da escola do Bom Pastor.

Há todavia exemplos de alguma permeabilidade bem sucedida. Diogo Cassels, com uma particular atenção às mudanças políticas, mas sempre preocupado na afirmação doutrinária da matriz cristã da Igreja Lusitana, produz, em 1894, um pioneiro manual de educação religiosa que circulou pelas escolas gaienses, com o sugestivo título de *Compêndio de Moral e Doutrina Cristã acompanhado com textos Bíblicos*, que conheceu três edições (1894, 1904 e 1909) com uma tiragem de 5000 exemplares cada uma. Nos pós-República surgiu a 4.ª edição, naturalmente em conformidade com os normativos vigentes, como se reflete no título e conteúdos: *Compêndio de Moral Prática, Doutrina Cristã e Noções Elementares de História Geral*, com uma tiragem também de 5000 exemplares; em meados da década de 1920 seria ainda editada uma 5.ª edição.

Cada escola pauta-se por uma dinâmica pedagógica peculiar, mas tendo sempre presente o princípio do ensino misto (se bem que as circunstâncias de cada escola nem sempre permitissem cumpri-lo de forma plena) que encontrava principal expressão na instrução primária, mas alargado quase sempre à aula noturna, para alfabetização de adultos, e, quando possível, à aula infantil e à instrução secundária, traduzida por cursos de línguas, cálculo e escrituração comercial ou desenho geométrico. No Torne, que naturalmente encarna o modelo mais completo, acres-

¹⁰³ “A Reforma da nossa escola”. *O Bom Pastor*, 3ª Série, 35, V. N. Gaia, março de 1912, p. 7.

centavam-se classes de costura, aulas de música e ofícios mecânicos. A ginástica, os “jogos inocentes” e “exercícios físicos ao ar livre” e o canto coral eram práticas regulares, assim como os “trabalhos manuais educativos”. O uso do microscópio, da lanterna mágica, de vistas, fotografias e quadros parietais coloridos, tendiam a afirmar-se em paralelo como recursos pedagógicos inovadores; do mesmo modo que as “lições práticas” não se circunscreviam ao espaço específico escolar, podendo assumir a forma de passeios, excursões, visitas a estabelecimentos assistenciais e asilares ou aos pobres para ofertar roupas, alimentos ou singelamente brinquedos para as crianças, envolvendo-se a comunidade educativa também na Festa das Flores, na Festa da Árvore e obviamente nas manifestações de caráter mais litúrgico, como a Árvore de Natal.

A questão dos professores esteve sempre presente, porque enquanto expressão de competência assegurariam a qualidade do ensino. Apesar de alguns reveses, foi-se privilegiando o endorecramento dos melhores alunos das escolas que completassem o curso das Escolas Normais, garantindo-se por este processo que a formação pedagógica se compaginasse com a formação humana, em suma, que o professor das escolas fosse também um exemplo de exigência e rigor.

As escolas gaienses cumpriram-se na missão de alfabetizar e escolarizar as populações de um território que vivia a mudança e a transformação social de uma forma intensa e dilemática. De poente para nascente situam-se as quatro escolas protestantes, traçando como que uma fronteira entre os espaços rurais e os espaços em vias de industrialização. A norte dessa linha situava-se a freguesia de Santa Marinha e a sul as freguesias de Mafamude; a nascente Oliveira do Douro e a poente o populoso lugar do Candal, pertencente à freguesia de Santa Marinha.

Em 1881 apenas cerca de 1/8 dos gaienses vivia da indústria (no Porto a relação era de 1/3 e no distrito de 1/5), mas as freguesias de Santa Marinha e de Mafamude experimentaram um crescimento demográfico e um processo de industrialização particularmente acentuado. No final do século (1897) 68,8% das empresas (sem contar com as empresas vinícolas) estavam sediadas em Santa Marinha, enquanto Mafamude contava com 14,4% das firmas, seguindo-se Avintes (9,6%) e Oliveira do Douro, com 3,2%. Santa Marinha e Mafamude eram as freguesias com maior densidade e diversidade associativa, como também tinham o maior número de jornais: entre 1873 e 1936, 43,3% dos títulos foram editados na freguesia de Santa Marinha, enquanto em Mafamude se assinalaram 20% e 7,7% em Pedroso como em Oliveira do Douro. As taxas de analfabetismo eram extremamente elevadas: 76% em 1890 e 74% em 1900, quando a média do distrito do Porto era de 72% em 1890 e de 71% em 1900¹⁰⁴.

¹⁰⁴ GUIMARÃES, 1997; LACERDA, 1984 e 1997; SOEIRO *et al.*, 1995.

Em 1875 o concelho de Vila Nova de Gaia tinha 38 escolas privadas e 15 estatais, representando uma escola para 3629 habitantes. Em Santa Marinha estavam implantadas 16 escolas privadas e 2 estatais, e em Mafamude 6 escolas particulares e 2 escolas masculinas estatais. Em 1908 a relação entre escolas estatais e privadas inverte-se e a rede escolar de estabelecimentos de ensino aumenta, calculando-se em uma escola para 1000 habitantes¹⁰⁵.

O processo de industrialização, especialmente em Santa Marinha e Mafamude, origina uma mudança das condições de vida: alastra a construção de *ilhas* na Serra do Pilar, Devesas, Calçada da Serra, Bandeira ou no Marco, como também de bairros operários, como o da Fábrica de Cerâmica das Devesas. Ali residiam fundamentalmente operários cigarreiros, serralheiros, tanoeiros, da indústria cerâmica, dos caminhos de ferro e muitos outros, como também jornaleiros, militares, guardas-fiscais e empregados do pequeno comércio. Lugar de destaque ganhava nestes setores económicos a mão de obra infantil e feminina.

Neste contexto, percebe-se melhor a sondagem feita sobre a origem socioeconómica de algumas gerações de alunos da escola do Torne na transição do século XIX para o seguinte: os alunos e alunas eram maioritariamente provenientes das classes populares (cerca de 70%), estando também representados os filhos de trabalhadores rurais, se bem que na sua globalidade os alunos fossem preponderantemente de extração urbana¹⁰⁶. As escolas enquadram-se, portanto, numa cultura e formas de sociabilidade urbanas, circunstância que as aproxima de questões sociais prementes – alcoolismo, miséria física e moral, hábitos antieconómicos, pauperismo, vadiagem, criminalidade, orfandade e prostituição – a que necessariamente não poderiam ser alheias e que em parte informa as suas agendas e currículos.

Entroncam-se estes desafios numa segunda dimensão: a social. E entre as respostas que foram ensaiadas poder-se-ão sinalizar dispositivos intimamente ligados à estrutura eclesiástica, como o Fundo dos Pobres, ou em interface entre a escola e o templo, como as Uniões Cristãs da Mocidade ou as Ligas do Esforço Cristão. Registam-se também soluções mais específicas de cada comunidade religiosa, como no Torne o Banco dos Artistas, com o objetivo de: “ensinar a classe trabalhadora a praticar hábitos de economia e não desperdiçar dinheiro”, a Sociedade Evangélica de Socorros Mútuos, a Sopa Económica ou a Cozinha Económica, ou o Bairro de Habitação Económica; ou no Bom Pastor as campanhas de vacinação, os banhos de mar ou a difusão de jogos como o *foot-ball*, o *golf*, o *cricket* francês, entre outros, e a prática da natação.

¹⁰⁵ CORRÊA, 1991.

¹⁰⁶ AFONSO & LACERDA, 1995 e 1996; AFONSO *et al.*, 2001.

Interessa também destacar o fomento da prática da leitura, com a constituição de bibliotecas populares no Torne, no Bom Pastor e no Prado. Estes dispositivos conciliaram socialização, sociabilidade e solidariedade, cumprindo-se como edificantes, informacionais e mobilizadores para um cristianismo social enraizado nas comunidades. Anote-se, por fim, que o trabalho social das comunidades protestantes era em grande medida declinado no feminino, demonstrando que aquela responsabilidade a todos dizia respeito. As dinâmicas geradas alicerçam-se na coerência de um projeto onde se temperam educação, assistência e evangelização. Porventura, tal indicará também a intrusão num campo reformador que tem como horizonte a regeneração da própria sociedade, congregando diferentes setores e instituições capazes justamente de contribuir em diferentes planos, para esse fim.

No caso das escolas protestantes gaienses, o denodo filantrópico reflete-se na rede de benfeitores ou de “pessoas amigas e amantes da instrução” que contribuem para a manutenção das escolas, não significando tal facto que os doadores liminarmente se revejam em crenças ou posições políticas, mas simplesmente que alimentam a convicção de que a educação é o dínamo do progresso, e conseqüentemente, como enfatizava Diogo Cassels, do “trabalho, iniciativa, economia, moralidade”. Em torno das escolas do Torne e, depois, também da escola do Prado, constitui-se uma sólida rede de comerciantes e industriais que apoiam sistematicamente a iniciativa, registada em livros próprios onde anualmente se anotava a empresa ou particular e as quantias oferecidas para sustento das escolas. A lista inicia-se em finais do século XIX com 33 nomes, atingindo um máximo de 123 entidades em 1921; no ano de 1923 cifrava-se em 109, significando que durante 25 anos, em termos médios, a escola podia contar com o apoio de 61 contribuintes¹⁰⁷.

A trajetória social e o capital cultural e relacional dos irmãos Cassels possibilitava que se movimentassem também noutros contextos sociais, e com o mesmo espírito abraçaram causas educativas, filantrópicas, associativas, mutualistas, cooperativistas e políticas¹⁰⁸. O percurso de Diogo Cassels é ilustrativo dessa disponibilidade. Em 1908 o seu trabalho é reconhecido pela Liga Nacional de Instrução, que lhe concede o diploma de “Benemérito da Instrução”; a edilidade gaiense na reunião de 21 de dezembro de 1910 decide inscrever o nome de Diogo Cassels na toponímia, mudando o nome da rua do Torne para rua Diogo Cassels; o governo republicano exara em *Diário do Governo* de 15 de novembro de 1915 um louvor a

¹⁰⁷ AFONSO, 2001a.

¹⁰⁸ ROBERTSON, 1894. Entre os muitos exemplos das redes estabelecidas, sinalizamos a participação das Escolas do Torne e do Bom Pastor na *Exposição Pedagógico Escolar das 6 Circunscrições Escolares do Norte*, realizada em 1890 no Palácio de Cristal Portuense, tendo como lema: “Educação, Instrução e Trabalho”, a qual, como enfatizou o seu promotor, Carlos Affonso, significava a “bandeira da regeneração social”. Vd. AFFONSO, 1890: 13.

Diogo Cassels pela sua atividade de benemérito e a 24 de dezembro de 1922 condecora-o com a Comenda da Ordem de Cristo.

Uma última nota prende-se com a regular e por vezes intensa atividade editorial, traduzida pela edição de dois periódicos – *Egreja Lusitana* (1894-1923) e *O Bom Pastor* (1901-1916) – que inequivocamente serviam de meio de difusão das atividades das escolas, das iniciativas filantrópicas e, naturalmente, de clarificação das posições religiosas; e a constituição da Biblioteca António Maria Candal, um projeto editorial pioneiro que entre 1908 e 1918 publicou títulos de referência para a história e identidade da Igreja Lusitana, além de exemplares opúsculos de polémica religiosa e edificação¹⁰⁹.

8. A CONCLUIR

Ensaíamos um inventário das principais características das escolas protestantes gaienses tentando objetivar o *constructo* “rede escolar” nessa dupla dimensão pedagógica e social. É um exercício que necessariamente deverá ser aprofundado e aferido, não obstante a escassez ou laconismo de algumas fontes.

Destacaremos que destas notas se poderá inferir que as dinâmicas das escolas se entrelaçam com as dinâmicas sociais do seu tempo, não deixando de ter papel fundamental o carácter e as especificidades dos principais atores que suscitaram estas iniciativas de educação popular e as sustentaram, com resiliência quase heroica ao longo de décadas e décadas.

Não restarão dúvidas, todavia, que as escolas lusitanas marcaram indelevelmente uma época crucial da construção da contemporaneidade no concelho de Vila Nova de Gaia e um tempo longo (quase 150 anos no caso do Torne, considerando que o trabalho educativo permanece ativo até aos dias de hoje) o qual, mais do que pode apreender o olhar seco da História, deixou testemunhos reais e multiplicadores na larga maioria dos que passaram pelos bancos das escolas do Torne, do Prado, do Bom Pastor ou de Oliveira do Douro, memória ainda não elidida de todo e para a qual estes apontamentos pretenderam dar um modesto contributo de enquadramento e análise crítica.

¹⁰⁹ AFONSO, 2009: 285-292.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Impressas

- Escolas do Torne e do Prado: resumo das suas atividades*. V. N. de Gaia: Associação dos Antigos Alunos das Escolas do Torne e do Prado. 1957.
- Notas biográficas de Diogo Cassel: relatório respeitante ao ano de 1950 e sinopse dos anteriores*. V. N. de Gaia: Associação dos Antigos Alunos das Escolas do Torne e do Prado (s/d).
- Relatorio da Igreja Lusitana Catholica Apostolica Evangélica*. 1887. Lisboa: 1888.
- Relatorio da Igreja Lusitana Catholica Apostolica Evangélica*. 1889. Lisboa: 1890.
- Relatórios da Igreja Luzitana Catholica Apostólica Evangélica*. 1897-1898. Lisboa: Typ. de A. E. Barata, 1899.
- Relatórios da Igreja Lusitana Catholica Apostólica Evangélica*. 1908. Lisboa: Typ. e Papelaria Académica de Pires & C^a., 1909.
- Relatórios da Igreja Lusitana Catholica Apostólica Evangélica*. 1911. Lisboa: Typ. e Papelaria Académica de Pires & C^a., 1912.
- Relatórios da Igreja Lusitana Catholica Apostólica Evangélica*. 1912. Lisboa: Typ. e Papelaria Académica de Pires & C^a., 1913.
- Relatórios da Igreja Lusitana Catholica Apostólica Evangélica*. 1913. Lisboa: Typ. e Papelaria Académica de Pires & C^a., 1914.
- Relatórios de 1914 da Igreja Lusitana Catholica Apostólica Evangélica*. Porto: Tip. Mendonça, 1915.

Fontes Hemerográficas

- Egreja Lusitana [Catholica, Apostolica e Evangelica na Capella do Torne em Villa Nova de Gaya]*. Vila Nova de Gaia: 1894-1923).
- Luz e Verdade [A Luz e Verdade, 1905] Revista evangélica mensal [Quinzenário evangélico do Norte, 1911]*. Porto: 1902-1922.
- O Bom Pastor. [Boletim mensal da obra evangélica no Candal]*. Vila Nova de Gaia: 1901-1916.
- Reforma (A). Folha Evangélica [Órgão da Verdade Evangélica em Portugal, 1883; Eco da Igreja Lusitana, 1886]*. Porto: 1877-1892(?).

Bibliografia

- AFFONSO, Carlos (1890) – *Exposição Pedagógico-Escolar das Seis Circunscrições Escolares do Norte de Portugal. Inaugurada a 1 de Junho de 1890 no Palácio de Crystal Portuense. Breve Relatório, Programma e Catálogo da Exposição*. Porto: Typ. Central.
- AFONSO, José António (2000) – *O projeto de Diogo Cassels: contributo para o estudo da educação popular*. In VEIGA, M. A.; MAGALHÃES, J., org. – *Homenagem ao Prof. Dr. José Ribeiro Dias*. Braga: IEP/Universidade do Minho, p. 309-323.

- (2001a) – *Iniciativas evangélicas de educação popular: reflexões sobre a Escola do Torne (Vila Nova de Gaia)*. «Anales de Historia Contemporânea», 17, p. 415-434.
- (2001b) – *Modos de socialização numa comunidade evangélica: memórias de uma professora da Escola do Torne*. In RAMOS, Luís Oliveira; RIBEIRO, Jorge Martins; POLÓNIA, Amélia, coord. – *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, vol. 1. Porto: FLUP, p. 49-55.
- (2004) – *A construção de uma escola protestante: o caso da Escola do Torne (Vila Nova de Gaia), 1883-1923*. In FERREIRA, António Gomes, org. – *Escola, Culturas e Identidades – Comunicações do 3.º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, vol. 2. Coimbra: SPCE, p. 62-65.
- (2009) – *Protestantismo e Educação. História de um projeto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX*. Braga: IEP/UM.
- (2013) – *A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (ILCAE) – das encruzilhadas sociojurídicas à afirmação de uma identidade religiosa*. In PINTASSILGO, Joaquim, coord. – *Laicidade, Religiões e Educação na Europa do Sul no Século XX*. Lisboa: IE/UL, p. 73-109.
- AFONSO, José António; LACERDA, Silvestre Almeida (1995) – *Memórias da Escola do Torne*. In SILVA, António Manuel; DIAS, Jaime A., coord. – *Vila Nova de Gaia de há 100 anos. Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne: actas*. V. N. Gaia: Junta Paroquial São João Evangelista, p. 169-223.
- (1996) – *Esplendor de uma escola. Subsídios para o estudo da Escola do Torne (1894-1923)*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 42, p. 27-47.
- AFONSO, José António; LACERDA, Silvestre Almeida; SILVA, António Manuel S. P. (2001) – *A população escolar feminina de Sta. Marinha na Escola do Torne na transição do séc. XIX para o séc. XX – Notas exploratórias*. In 1.ªs Jornadas de História Local de Santa Marinha. V. N. de Gaia: Junta Freguesia de Santa Marinha, p. 159-172.
- AFONSO, José António; SILVA, António Manuel S. P. (2008) – *Momentos da imprensa infanto-juvenil protestante em Portugal: O Amigo da Infância (1874-1940) e o Raio de Sol (1925-1951) – Aproximações às dinâmicas e ciclos do movimento evangélico*. In CASTILLO GÓMEZ, A., dir.; SIERRA BLAS, V., ed. – *Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Gijón: Trea, p. 95-122.
- (2010) – *Cultura escolar e representação. As Festas da Escola do Torne (Vila Nova de Gaia) durante o ciclo de Diogo Cassels (1868-1923)*. In FELGUEIRAS, M. L.; VIEIRA, C. E., ed. – *Cultura escolar, migrações e cidadania: actas do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Porto: SPCE.
- (2015) – *A Escola do Torne (Vila Nova de Gaia, Portugal, 1883-1922): as festas como práticas educativas*. In STAMATTO, Maria I. S.; NETA, Olívia M. M., org. – *Práticas Educativas, Formação e Memória*. Campinas: Mercado de Letras, p. 15-62.
- (no prelo) – *Modernidade e minorias religiosas. Os arquivos da Igreja Lusitana (sécs. XIX-XX)*. In *Atas do Colóquio Arquivos e Património da Sociedade Civil. Resgatar a memória da ação colectiva em Portugal (séculos XIX e XX)*. Lisboa: FCSH-UNL.
- AFONSO, José António; SILVA, António Manuel S. P.; LACERDA, Silvestre (2016) – *A escola do Torne (Vila Nova de Gaia): dinâmicas socioeducativas de uma escola evangélica na transição do século XIX*. In VIEIRA, Cesar R.; NASCIMENTO, Ester C., org. – *Contribuições do Protestantismo para a História da Educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, p. 47-67.

- ALMEIDA, Luis G. (1985) – *Notas monográficas sobre a freguesia de Santa Eulália de Oliveira do Douro*. V. N. de Gaia: Junta de freguesia de Oliveira do Douro.
- ASPEY, Albert (1971) – *Por este caminho. Origem e progresso do Metodismo em Portugal no Século XIX. Umhas páginas da história da procura da liberdade religiosa*. Porto: Igreja Evangélica Metodista em Portugal.
- BARRETO, José M. (1901) – *Introdução da Reforma em Portugal. Extracto da Conferência realizada na União Christã Evangélica da Mocidade Portuguesa em 23 de Fevereiro de 1901*. Lisboa: [s.n.].
- BONAPARTE; José L. (1930) – *Igreja Lusitana Evangélica de Cristo. Oliveira do Douro*. In *A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica*. V. N. Gaia: [s.n.], p. 16-17.
- CABANEL, Patrick (2006) – *De l'école protestante à la laïcité. La Société pour l'encouragement de l'instruction primaire parmi les protestantes de France (1829-années 1880)*. Disponível em <<http://histoire-education.revues.org/index1346.html>>. [Consulta em 15/06/2016].
- CABRAL, José M. Pina (1978) – *Diogo Cassels e as Escolas do Torne e do Prado*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 5, p. 29-31.
- CÂMARA MUNICIPAL do Concelho de Vila Nova de Gaya (1909) – *Breves Apontamentos Estatísticos dos Serviços Municipaes no Anno de 1908*. Gaya: Tip. Francisco Martins Bastos.
- CARDOSO, Manuel P. (1998) – *Por Vilas e Cidades. Notas para a história do protestantismo em Portugal*. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia.
- [CASSELS, Diogo] [c. 1898] – *The Reformed Church in Portugal. The story of the Lusitanian Reformed Church, by a Presbyter of the Church*. Dublin: Pulvertaft & C^o.
- (1908) – *A Reforma em Portugal. A historia resumida já publicada na "Egreja Lusitana" nos annos de 1897 e 1898, revista, augmentada...* Porto: Typ. a Vapor de José da Silva Mendonça.
- CASSELS, André (1930) – *Igreja Lusitana Evangélica do Bom Pastor. Candal – Vila Nova de Gaia*. In *A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica*. V. N. Gaia: [s.n.], p. 14.
- CORRÊA, F. C. Gatapez (1991) – *Ensino Primário Privado no Distrito do Porto em 1875. Dois exemplos: Vila Nova de Gaia e Baião*. In *Ciências da Educação em Portugal. Situação actual e perspectivas*. Porto: SPCE, p. 653-673.
- COSTA, António da (1885) – *Auroras da Instrução pela Iniciativa Particular*. 2.^a Edição. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- COSTA, Francisco B. (1995) – *Demografia e sociedade gaiense nos finais do séc. XIX: contributo para uma história das mentalidades*. In SILVA, António Manuel; DIAS, Jaime A., coord. – *Vila Nova de Gaia de há 100 anos. Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne: actas*. V. N. Gaia: Junta Paroquial São João Evangelista, p. 281-306.
- (2004) – *Notas para a história da paróquia de Santa Eulália de Oliveira do Douro*. Oliveira do Douro: Paróquia de Santa Eulália de Oliveira do Douro.
- DIAS, Luís P. (2000) – *As Outras Escolas. O Ensino Particular das Primeiras Letras entre 1859 e 1881*. Lisboa: EDUCA.
- DUARTE, Júlio (1980) – *A Igreja do Prado. Paróquia do Salvador do Mundo da Igreja Lusitana...* V. N. de Gaia: Junta da paróquia do Salvador do Mundo.
- (1982) – *A Escola do Prado: 80 anos ao serviço da instrução do povo de Coimbrões*. V. N. Gaia: Junta da paróquia do Salvador do Mundo/Esforço cristão do Prado [texto dactilografado].

- (1986) – *O professor Augusto Nogueira e a “Escola do Prado”*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 20, p. 39-40.
- (1992) – *O Rev. José Maria Leite Bonaparte, a Igreja Lusitana e o “Colégio Lusitano” de Oliveira do Douro*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 33, p. 34-36.
- (1994) – *Apontamentos monográficos de Coimbrões*. V. N. de Gaia: Câmara Municipal.
- (1997) – *Igrejas evangélicas na Madalena*. In Cidade, J. C. et al. – *Santa Maria Madalena de Fermucia (Madalena – V. N. Gaia): subsídios para uma Monografia*. Vol. 1. Madalena: Junta de freguesia, p. 272-273.
- (1999a) – *A Paróquia do Salvador do Mundo. Prado, Coimbrões, Vila Nova de Gaia (...) 1901-2001*. V. N. Gaia: [s.n.], [texto dactilografado].
- (1999b) – *André B. Cassels. O Candal – a Escola e a Igreja do Bom Pastor*. V. N. Gaia: [s.n.], [texto dactilografado].
- FIGUEIREDO, J. Santos (1910) – *Factos notáveis da Historia da Egreja Lusitana*. Porto: Typ. Mendonça.
- GUICHARD, François (1990) – *Le Protestantisme au Portugal*. «Arquivos do Centro Cultural Português – Paris», 28, p. 455-82.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1997) – *Memória histórica dos antigos Comerciantes e Industriais de Vila Nova de Gaia*. V. N. de Gaia: Associação Comercial e Industrial de V. N. de Gaia.
- [HERCULANO, Alexandre] (1837) – *As Escolas Domingueiras*. «O Panorama: jornal litterario e instructivo», 33, p. 264.
- LACERDA, Silvestre (1984) – *Apontamentos para a história da imprensa e das publicações periódicas no Concelho de Vila Nova de Gaia*. «Gaya», 2, p. 509-552.
- (1997) – *A Arte da Tanoaria*. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais.
- LEITE, Rita M. (2009) – *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea. Da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa/UCP.
- LEITE, Rita Mendonça; CAVACO, Timóteo (2013) – *A circulação da Bíblia no Portugal oitocentista o papel da Sociedade Bíblica*. Disponível em < <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/seriemonograficacienciadasreligi/article/view/3963>>. [Consulta em 15/06/2016].
- LOPES, António S. (1884) – *Conferências Pedagógicas do Porto em 1884*. Porto: Typ. do Commercio do Porto.
- MARQUES, João F. (1995) – *Para a história do Protestantismo em Portugal*. «Revista da Faculdade de Letras – História», II série, 12, p. 431-475.
- MOREIRA, Eduardo (1949) – *Esboço da História da Igreja Lusitana*. [V. N. de Gaia]: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica.
- [1957] – *Crisóstomo português; elementos para a história do Púlpito*. Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal.
- (1958) – *Vidas Convergentes. História breve dos movimentos de reforma cristã em Portugal a partir do século XVIII*. [Lisboa]: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal.
- MOREIRA, Joaquim M. (1995) – *Origens do episcopalismo em Portugal. O despertar da Igreja Lusitana (1839-1899)*. Porto: Faculdade de Letras da U.Porto. Dissertação de mestrado.

- (2002) – *Em busca da identidade: de uma igreja minoritária de finais de Oitocentos – o caso da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica*. In RAMOS, Luís O.; RIBEIRO, Jorge M.; POLÓNIA, Amélia, coord. – *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, vol. 2. Porto: FLUP, p. 175-184.
- NOGUEIRA, Augusto (1930) – *Igreja Lusitana Evangélica do Salvador do Mundo. Prado – Vila Nova de Gaia*. In *A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica*. V. N. Gaia: [s.n.], p. 17.
- NETO, Vitor (1998) – *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*. Lisboa: INCM.
- PEIXOTO, Fernando (1995) – *A dívida do Protestantismo aos Cassels*. In SILVA, António Manuel; DIAS, Jaime A., coord. – *Vila Nova de Gaia de há 100 anos. Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne: actas*. V. N. Gaia: Junta paroquial São João Evangelista, p. 35-56.
- (1999) – *O que se sabe e o que se procura sobre o protestantismo em Portugal*. «Lusotopie: dynamiques religieuses en lusophonie contemporaine», p. 257-269.
- (2001) – *A influência britânica no protestantismo português*. «Anales de Historia Contemporânea», 17, p. 123-152.
- (2001) – *Diogo Cassels, uma vida em duas margens*. V. N. Gaia: Câmara Municipal.
- (2005) – *Diogo Cassels. A Praxis ao serviço da Fé*. V. N. de Gaia: Estratégias Criativas.
- PULVERTAFT, Thomas S. (1897) – *Report of visitation tour to the Reformed Churches of Spain and Portugal*. Dublin: Charles W. Gibbs Printer.
- RAMOS, Rui (1988) – *Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo*. «Análise Social», 24, 103-104), p. 1067-1145.
- ROBERTSON, Alexander (1894). *The Christian Triumvirate of Oporto*. «Light & Truth», 1, p.14.
- SANTOS, Luís A. (1997) – *A primeira geração da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (1876-1902)*. «Lusitania Sacra», 2ª Série, 8-9, p. 299-360.
- (2001) – *O protestantismo em Portugal (séculos XIX e XX): linhas da sua história e historiografia*. «Anales de Historia Contemporânea», 17, p. 53-76.
- (2002) – *A transformação do campo religioso português*. In AZEVEDO, Carlos M. dir. – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores/UCP, p. 419-491.
- SANTOS, Licínio M. M. (2014) – *Cultura e lazer operários em Gaia, entre o final da Monarquia e o início da República (1893-1914)*. Porto: Faculdade de Letras da U.Porto. Dissertação de mestrado.
- SARDINHA, António (1984) – *Recordando Diogo Cassels e a sua ação mal conhecida de pedagogo*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 17, p. 44-45.
- SILVA, António Manuel S. P. (1995a) – *A Igreja Lusitana e o Republicanismo (1880-1910): Convergências e Expectativas do Discurso Ideológico*. In SANTOS, Maria H. C., coord. – *A Vida da República Portuguesa 1890-1990*. Lisboa: Cooperativa de Estudos e Documentação, p. 739-756.
- (1995b) – *Dos prelos como instrumento de missão. A “boa imprensa” e a imprensa protestante no último quartel do século XIX*. In SILVA, António Manuel; DIAS, Jaime A., coord. – *Vila Nova de Gaia de há 100 anos. Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne: actas*. V. N. Gaia: Junta paroquial São João Evangelista, p. 93-130.
- (1995c) – *As duas igrejas do Torne (Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia): nota evocativa a propósito de um centenário*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 40, p. 55-60.
- (2007) – *O Bom Pastor: a Obra que André e Elisabeth Cassels sonharam... e Deus tornou possível*. In *O Bom Pastor. Número Único Comemorativo*. V. N. de Gaia: Junta Paroquial do Bom Pastor, p. 2-3.

- , coord. (2013) – *Paróquia de Cristo e Colégio Evangélico Lusitano: um século de testemunho cristão em Oliveira do Douro (V. N. Gaia)*. V. N. de Gaia: Igreja Lusitana.
- (2016) – *O protestantismo em Albergaria-A-Velha: um metodista no Palhal há 160 Anos*. «Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha», 3.
- SILVA, António Manuel S. P.; AFONSO, José António (2008) – *Os Evangélicos – representações de Si e do Outro na literatura protestante*. In JORGE, V. O.; MACEDO, J. C., coord. – *Crenças, Religiões e Poderes: dos indivíduos às sociabilidades*. Porto: Afrontamento, p. 235-256.
- (2015) – *Associação das Escolas do Torne e do Prado: servir, educar e incluir*. V. N. Gaia: AETP.
- SILVA, António Manuel S. P.; AFONSO, José António; VIDAL, Alexandra (2016) – *A Igreja e a Escola do Prado: cento e quinze anos de instrução e testemunho cristão em Coimbrões, Vila Nova de Gaia*. V. N. de Gaia: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica.
- SOEIRO, Teresa; ALVES, Jorge F.; LACERDA, Silvestre; OLIVEIRA, Joaquim (1995) – *A cerâmica portuense. Evolução empresarial e estruturas edificadas*. «Portugália», Nova Série, 16, p. 203-287.
- TOPALOV, Christian (1999) – *Le champ réformateur, 1880-1914: un modèle*. In TOPALOV, Christian, dir. – *Laboratoires du nouveau siècle. La nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France, 1880-1914*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, p. 461-474.